

O Discurso Midiático e a Construção da Notícia: relações entre infraestrutura e superestrutura da teoria bakhtiniana

Marcília Luzia Gomes da Costa Mendes*

Maria Ivanúcia Lopes da Costa†

Índice

Introdução	1
1 A concepção bakhtiniana	2
2 Mídia e sociedade: Uma relação de interdependência entre infraestrutura e superestrutura	3
3 O discurso ideológico	6
Considerações Finais	7
Referências	8

Resumo

Este artigo aborda a influência ideológica na construção do discurso midiático e, conseqüentemente, no processo de fabrico da notícia – matéria-prima do jornalismo, bem como seus reflexos nas estruturas sociais. De forma específica, o objetivo, naquilo que nos interessa, liga-se à questão de saber como a realidade (a infraestrutura) determina o signo e como o signo reflete e refrata a realidade em transformação. Para

*Departamento de Comunicação Social, Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL/UERN, marciliamendes@uol.com.br.

†Programa de Pós Graduação em Letras – PPGL/UERN, Ivanucialopes@bol.com.br.

isso, adotamos alguns conceitos da teoria Bakhtiniana aplicáveis aos estudos de comunicação e mídia, como as conceituações de Infraestrutura e Superestrutura, para entendermos as suas relações. Nesta perspectiva, partimos da compreensão de que a mídia, fragmento da superestrutura, interfere no processo histórico social de um determinado grupo, evidenciando o processo de interação.

Palavras-chave: Ideologia. Mídia. Notícia. Infraestrutura. Superestrutura.

Introdução

Mikhail Bakhtin foi um dos mais importantes pensadores do século XX. Seu nome é uma referência para diversas teorias que, de uma forma ou de outra, discutem e problematizam a questão da comunicação hoje. Mais que uma ponte entre os estudos da comunicação e as teorias de Bakhtin, é possível visualizar uma estrada completa que se entrecruza no meio das relações, concebendo a linguagem como imanentemente social.

Baseando-se na ideia bakhtiniana do processo dialético de evolução que vai da infraestrutura às superestruturas, observa-

se que o caráter ideológico do discurso midiático torna-se mais presente nos meios de comunicação de massa na medida em que se estreitam as relações homem x mídia x sociedade, de modo que o homem passa a ser elemento da mídia, e a mídia artifício deste. Neste sentido, estas reflexões são necessárias, mais especificamente no âmbito do jornalismo, a fim de entendermos essas relações.

1 A concepção bakhtiniana

A teoria da linguagem de Bakhtin vem reforçar o campo dos estudos midiáticos, que concebe a comunicação como terreno das interações, conflitos e disputas sociais. Nesse caso, não é nem um sistema de regras a ser transmitido e decodificado (como pensaram os “objetivistas abstratos”), nem um espaço para ação de sujeitos livres para expressarem suas vontades (como imaginaram os “subjetivistas individualistas”).

Para Bakhtin, todo ato comunicativo é contextual – situado por sujeitos, instituições, tempos e espaços definidos. Sendo assim, comunicar é um processo dialógico. Não se trata apenas de dizer alguma coisa para alguém, mas *para* alguém e *com* outrem, levando em conta a alteridade, o interlocutor, os modos e as circunstâncias da interação verbal. Bakhtin foi contundente ao considerar o interlocutor (leitor, ouvinte ou espectador) como personagem ativo do processo de comunicação.

A comunicação é concebida, assim, como um terreno de interações, conflitos e disputas sociais e marcações adequadas a uma dada época e lugar. “A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. É nisso que consiste a natureza

de todos os signos ideológicos.” (BAKHTIN, 2006, p. 34).

Bakhtin nos mostra uma boa direção para pensarmos a relação entre as estruturas colocadas por Marx: através do *signo ideológico*. Para ele, todo signo é ideológico. “Sem signos não existe ideologia.” (BAKHTIN, 2006, p. 21). E completa: “Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia.” (Idem). A partir do momento que este objeto passa a ter um significado externo à sua própria natureza, temos então o signo ideológico, que não só reflete a realidade material, como também a refrata. Baseando-se na ideia bakhtiniana de que o estudo do signo linguístico permite observar de maneira mais fácil e de forma mais profunda a continuidade do processo dialético de evolução que vai da infraestrutura às superestruturas, pode-se concluir que cada signo é constituído de uma funcionalidade vital.

Dentro desta arena de luta de classes (BAKHTIN, 2006) há uma diversidade de significações ideológicas, isto é, pela interação social os signos mantêm-se vivos, trazendo com eles concepções de mundo diferentes, jogos de interesse contrários etc. Isso ajuda a compreender porque não se pode considerar as palavras (que são signos ideológicos por excelência, segundo a teoria bakhtiniana) como um simples reflexo, ou a representação pura da realidade material, mas sim como uma refração (ou refrações) desta realidade. Para o ponto de vista dialético e dialógico de Bakhtin, a palavra “é sempre interindividual e reúne em si as vozes de todos aqueles que a utilizam ou a têm utilizado historicamente” (MIOTELLO, 2008,

p.203). Neste sentido, para Bakhtin, ela é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 2006, p.34) e serve como indicador de mudanças, sendo veiculada através da língua para refletir-se nas ideologias.

De certo modo, conforme Bakhtin, é através do estudo do signo linguístico que se observa mais facilmente e de forma mais profunda a continuidade do processo dialético de evolução que vai da infraestrutura às superestruturas. Mas afinal, que estruturas são essas? E como podem ser assimiladas para os estudos da mídia?

2 Mídia e sociedade: Uma relação de interdependência entre infraestrutura e superestrutura

Mikhail Bakhtin (2006) diferencia conceitos que acabaram por se tornar básicos para os estudos da linguagem, como os de infraestrutura e superestrutura. Para ele, a infraestrutura compõe a base da sociedade, as informações e fatos constituintes do social. Já a superestrutura refere-se aos reflexos que as mudanças na realidade acarretam, ou melhor, são essencialmente, elementos e relações sociais gerados e geridos pela infraestrutura. Entre os elementos constituintes da superestrutura estão, entre outros, a psicologia, o Estado, a ideologia social, a educação, a política e a mídia.

A mídia, especificamente no campo jornalístico, é uma área que facilita a visualização destas relações entre infraestrutura e superestrutura. Principalmente porque trabalha, mesmo que inconscientemente, com a palavra enquanto signo ideológico e que influencia no cotidiano social.

[...] sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias. (BAKHTIN, 2006, p.36).

O caráter ideológico das informações e do discurso midiático torna-se mais presente nos meios de comunicação de massa na medida em que se torna mais estreita a relação homem x mídia x sociedade. O homem passa a ser elemento da mídia, e a mídia artifício do homem. Conseqüentemente, a mídia torna-se decisiva no desenvolvimento da sociedade, que por sua vez, reflete na realidade dos meios de comunicação de massa.

Processa-se, então, uma relação de interação e interdependência entre infraestrutura e superestrutura. Relações que se estabelecem na e pela linguagem, tanto em sua dimensão verbal, quanto escrita, que se produzem nas relações sociais e materiais. Neste sentido, estas reflexões se mostram favoráveis, no campo da mídia e mais especificamente do jornalismo, para compreendermos seus discursos e o processo de construção das notícias.

2.1 Do fato à notícia: Um passeio pelas estruturas

Se o discurso é a matéria-prima da produção midiática, a notícia – prática discursiva – exerce grande influência sobre a constituição social de uma determinada comu-

nidade, até porque todo discurso é carregado de ideologia. Neste sentido, a construção da notícia não se dá de forma totalmente livre, uma vez que os eixos de poder e instâncias produtivas se inter-relacionam e estão em constante movimento, transitando entre um eixo e outro das estruturas. Nesse caso “as notícias, ao surgirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam da realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade.” (SOUSA, 2002:119).

Embora com diferentes perspectivas, as teorias do discurso de forma geral apontam para o caráter histórico-social de todo discurso, sem esquecer os da mídia. Nesse caso, é atributo do discurso jornalístico contemporâneo se postular o papel de remissor da verdade, testemunha do fato. No entanto, o que vemos é uma apropriação deste real através de estratégias enunciativas, tanto verbais como não verbais, tendo formulados os discursos não só a partir do sujeito que fala – a partir de outras falas, mas também na interação com o sujeito que recebe ou que se supõe que receberá. Essas apropriações do real não são condutoras de significados por elas mesmas, mas pela interação entre os sujeitos, no processo comunicativo, que para Bakhtin é um processo interativo, muito mais amplo do que a mera transmissão de informações.

Isso nos remete aos conceitos de polifonia e dialogia, que embora não sejam sinônimos, se encontram pela concepção sociointeracionista da linguagem.

Nos estudos da linguagem, é importante destacarmos que Bakhtin distingue, de forma bem abrangente, dois tipos de gêneros do discurso: os gêneros primários (aqueles

constituídos nas circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea como a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, por exemplo) e os gêneros secundários (aqueles predominantemente escritos, que surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado), a exemplo do artístico, científico, sociopolítico, etc. Nesse caso, para Bakhtin (2003), os gêneros secundários (romance, teatro, discurso científico, discurso jornalístico etc.), que se constroem em circunstâncias complexas de comunicação, absorvem e modificam, durante o processo de sua formação, os gêneros primários. E isso só é possível pelo caráter dialógico e pela diversidade de vozes que repercutem suas ideologias, através da produção de sentidos gerada pela heterogeneidade discursiva.

Neste sentido, imaginar o discurso como dotado de um sentido único e portador de uma única voz é não concebê-lo como produto social, como ação social, já que para a análise do discurso, é fundamental reconhecer os discursos como práticas descontínuas, sem transformá-los em um jogo de significações prévias. Neste sentido, deve-se levar em consideração que

Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. [...] O espaço social é uma realidade empírica compositória, não homogênea, que depende, para sua significação, do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais, através dos discursos que produzem para tentar torná-lo in-

teligível. (CHARAUDEAU, 2007, p. 131).

Sendo assim, Tezza (1998) recorre à Bakhtin para explicar que o discurso não é uma obra fechada e acabada de apenas um indivíduo, mas é um processo heterogêneo, conjugação de discursos entre eu e o outro.

“Nossas palavras não são ‘nossas’ apenas; elas nascem, vivem e morrem na fronteira do nosso mundo e do mundo alheio; elas são respostas explícitas ou implícitas às palavras do outro, elas só se iluminam no poderoso pano de fundo das mil vozes que nos rodeiam” (TEZZA, 1988, p. 55).

A partir disso, não parece remota, então, a ligação da teoria Bakhtiniana com os estudos de comunicação social, principalmente se compreendermos que um dos fenômenos linguísticos mais discutidos por Bakhtin – o discurso reportado – é figura constante na mídia que, explicitamente, recorre aos discursos de outrem. Neste caso, o caráter intertextual da notícia é fator constituinte de sua prática discursiva, sendo esta a condição que todo texto tem de estar ou ser repleto de fragmentos de outros, os quais podem ser facilmente identificados ou não. No caso das notícias elas se situam no campo da intertextualidade sempre que os jornalistas lançam mão de discursos diretos ou indiretos, recorrem à ironia, usam pressuposições etc.

Charaudeau (2007) explica que as mídias têm por tarefa reportar os acontecimentos do mundo (p. 133). Nesse caso, “reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa

entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões”. (FARACO, 2009, p. 140).

Sendo assim, esta perspectiva torna-se, então, ponte de apoio para os estudos da notícia enquanto prática discursiva construída de diferentes olhares e vozes, e permeável – pela pureza da palavra – em vários espaços.

[...] o discurso reportante e o discurso reportado só têm uma existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada. Ou em outras palavras, entre os dois discursos estabelecem-se relações dialógicas e eles se formam e vivem nessas relações. (idem)

Consumidas em contextos sociais diversos, de forma coletiva ou individual, as notícias obedecem à rotina de produção coletiva, com o envolvimento de diferentes profissionais, norteados pelas relações hierárquicas e concepções ideológicas.

Neste sentido, ao refletir sobre a notícia enquanto discurso, observamo-la como resultado da interação socioideológica, em que emerge de uma multidão de vozes.

Desse ponto de vista, nossos enunciados são sempre discurso citado, embora nem sempre percebidos como tal, já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade (na figura bakhtiniana, são palavras que perderam as aspás). (FARACO, 2009, p. 85).

Sendo assim, o estudo da notícia é uma das maneiras de analisar as ideologias em

atuação na mídia e como esses filtros ideológicos permitem sua fabricação, já que de acordo com Erbolato (2006) elas são “a matéria-prima do jornalismo” (p.49). Considerando as notícias como artefatos linguísticos que representam aspectos da realidade, Souza (2000) descreve que elas resultam da interação de diversos fatores:

[...] resultam de um processo de construção e fabrico onde interação, entre outros, diversos fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e do meio físico/tecnológico, que são difundidos pelos meios jornalísticos e aportam novidades com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sociocultural (ou seja, num determinado contexto), embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (p.15).

Desse modo, a realidade é (re)construída a partir dos recursos específicos de cada tipo de mídia. Na imprensa escrita, por exemplo, Charaudeau (2007) destaca:

a notícia é apresentada segundo critérios determinados de construção do espaço redacional e icônico, que seria correspondente ao grau de importância que se atribui a ela: a localização (na primeira página, ou numa página interna, no alto ou no fim da página, com pré-título, título ou subtítulo); a tipografia (dimensão e corpo dos caracteres de impressão

no conjunto dos títulos); a quantidade de superfície redacional (ou icônica) comparada a de outras notícias, em porcentagem. (p. 146-147).

Nesta perspectiva, a escolha do que deve ser noticiado, a forma como fazê-lo, a escolha de testemunhas, de ângulos, de falas a reportar, de perspectivas a abordar, demonstra o quanto essa visão da realidade (infraestrutura) é parcial, logo e consequentemente, ideológica (superestrutura).

Esse tipo de comunicação tem vínculo direto tanto com os processos de produção material da vida, no lugar da infraestrutura, quanto com as esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas, na superestrutura, entendida como sistema de referência que troca sentido com toda a sociedade. (MIOTELLO, 2008, p. 171)

Como já vimos, no conceito bakhtiniano a palavra é, por essência e por excelência, ideológica. Assim sendo, e levando-se em consideração que esta (a palavra) é o instrumento de trabalho do comunicador e o elemento que o relaciona com a sociedade, supõe-se, que o discurso da mídia é, necessariamente, ideológico.

3 O discurso ideológico

O conceito de ideologia é um dos mais amplos e variados a que se pode ter acesso. Embora não se tenha alcançado uma definição rematada, que abrangesse toda a riqueza de

significações do termo, este conceito é fundamental nos trabalhos e no pensamento de Mikail Bakhtin e do seu Círculo.

Assim como se distinguiram por suas ideias e seus estudos sobre o problema da ideologia, em uma perspectiva marxista, os membros do Círculo de Bakhtin também aprofundaram outras questões que Marx Engels apenas haviam tocado, como a questão da relação da infraestrutura com a superestrutura, por exemplo. Neste sentido, eles não trabalham, portanto, a questão da ideologia como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas inserem essa questão no conjunto de todas as outras discussões filosóficas, que eles tratam de forma concreta e dialética, como a questão da constituição dos signos, ou a questão da constituição da subjetividade. (MIOTELLO, 2008, 169).

Dito isto, se poderia caracterizar ideologia, da perspectiva bakhtiniana, como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Neste caso, não se pode decidir se um enunciado é ideológico ou não, analisando-o isoladamente de seu contexto discursivo, o que fica mais evidente as relações entre a infra e a superestrutura.

Segundo Miotello (2008) Bakhtin defende que a relação constante entre superestrutura e infraestrutura é possível pela intermediação dos signos:

A superestrutura não existe a não ser em jogo e relação constante com a infraestrutura, defende Bakhtin, e essa relação é estabelecida e intermediada pelos signos e por sua capacidade de estar presente necessariamente em todas

as relações sociais. E em cada uma delas os signos de revestem de sentidos próprios, produzidos a serviço dos interesses daquele grupo. (p.171)

A infraestrutura do contexto social poderia ser alterada, entre outras, pela superestrutura midiática – ou então, poderia ser influenciada por distintos caminhos/direcionamentos na superestrutura da mídia, possibilitando novas leituras para os fatos.

Considerações Finais

Em face destas reflexões observou-se a abrangência da teoria bakhtiniana nos estudos de comunicação e, mais ainda, as pontes propiciadas por estes estudos no campo da mídia. De acordo com as teorias apresentadas, visualizamos a influência da ideologia no processo de fabrico da notícia, localizando as relações entre Infraestrutura e Superestrutura na construção do discurso midiático.

Sendo assim, no discurso jornalístico, o lugar midiático articula-se também com o saber e com o poder. O jornalista não pode falar como quiser, pois tem se submeter a certas regras internas e externas da instituição midiática. Ou seja, é a realidade e seus conflitos de interesse gerados por questões políticas, pessoais e/ou financeiras que influenciam diretamente o fazer jornalismo, e consequentemente a carga ideológica de seus discursos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discursos das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- ERBOLATO, Mário. *Técnicas de codificação em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- MIOTELLO, Valdemir. *Ideologia*. In: BRAIT, Beth. Bakhtin conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.
- SOUZA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos*. Coimbra: Editora Minerva Coimbra, 2000.
- TEZZA, Cristovão. “Discurso poético e discurso romanesco na teoria de Bakhtin”. In: FARACO et al. Uma introdução a Bakhtin. Curitiba: Hatier, 1988.